CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

FEVEREIRO 2015 – N° 294

Como neste mês de fevereiro inicia-se a quaresma, publicamos neste espaço, trechos da Gramática de São Gaspar referentes à temática.

49. Ao Encontro do Jejum com Alegria

Com alegria, vamos preparar nosso espírito para viver o jejum e a abstinência quaresmais. É um convite que pode soar algo estranho. Contudo, ele é importante, porque tudo quanto nos vem proposto por lei deve ser cumprido com jovial disponibilidade, como se fosse escolha pessoal. E tem que ser assim, pois não podemos nos deixar impressionar pelas aparências, mas refletir sempre sobre os motivos do que fazemos, com espírito tranqüilo. Veremos, então, que o jejum e a abstinência quaresmais, juntamente com outras práticas de penitência que os acompanham, estão entre os meios seguros e válidos para preservar ou recuperar o bem-estar espiritual.

O caso de Nínive é uma prova bastante convincente do valor e da eficácia de tais meios. A situação da cidade estava de tal modo comprometida que um profeta, expressamente mandado por Deus, havia predito que, dentro de quarenta dias, seria sepultada sob as próprias ruínas. Logo que os habitantes se convenceram de que o jejum era o remédio para seus males tudo mudou. Deus se aplacou e eles conseguiram o perdão.

Conta-se no Evangelho que os discípulos, uma vez, vieram ao encontro de Jesus tristes, depois de tentarem inutilmente expulsar demônios de um possesso. Jesus deu-lhes a seguinte razão: “esta espécie não pode ser expulsa a não ser pela oração e o jejum” (Mt 17,21). Sumamente necessária, a oração haure sua força do jejum para poder agir: “é boa a oração com jejum” (Tb 12,8). De fato, o jejum torna a mente ágil, ativa e desimpedida, emprestando-lhe asas para chegar até Deus.

Deixemos de lado a queixa de que nossas orações estão se tornando vazias, de que as tentações estão aumentando a cada dia, de que não sabemos mais a que meios recorrer para diminuir nossas fraquezas. É melhor convencer-se de que, quando os exorcismos mais poderosos tornam-se inúteis, é exatamente aí que o jejum torna-se

meio eficaz e apropriado para se alcançar pleno êxito[1].

Jejua, portanto, para não pecar; jejua porque pecou; jejua para receber os dons do Senhor; jejua a fim de que o que recebeste permaneça[2].

50. Remédio para a Alma e Também para o Corpo

A eficiência do jejum não se limita à esfera do espírito, cabendo ao corpo experimentar apenas um pouco de amargor e repugnância que habitualmente os remédios mais eficazes provocam. O jejum é também remédio útil, e até necessário, para manter o corpo sadio e prolongar a vida. "Pela gula insaciável muitos pereceram", diz o Eclesiástico. "Quem, porém, é sóbrio, prolonga a vida" (Eclo 37,31). E é verdade. O prazer, as delícias com banquetes e bebidas, o hábito de jamais dizer não aos desejos da gula, tudo isso debilita e corrompe o corpo, levando-o à morte prematura. A mortificação, a sobriedade e a abstinência, ao contrário, são meios que rejuvenescem, conservam e robustecem o corpo.

Torna-se evidente, portanto, que o jejum quaresmal é remédio não só útil, mas necessário, para a salvação da alma e do corpo. Então, por que não abraçá-lo com satisfação e cheios de alegria?

Somos cristãos. Cristo com o seu exemplo nos animou a tomar, de boa vontade, esse remédio. Ele observou por quarenta dias um jejum rigoroso. Observemos também os santos. Quantos trabalhos agüentaram e sofreram pela salvação da própria alma! Por isso, não imitemos as crianças que recusam remédios salutares porque deixam gosto amargo na boca.

À luz de tais critérios, portanto, vamos dispor nosso espírito a penetrar com muita alegria na santa Quaresma. Purificados por meio do jejum e da abstinência, e ornados com sólidas virtudes, tornemo-nos dignos de celebrar frutuosamente a Páscoa do Senhor aqui na terra, para sermos depois admitidos à Páscoa eterna no céu[3].

---

[1] Pregações à juventude, n. 16: ao encontro do jejum quaresmal com alegria, MS 740-742; PVC, p. 262-266. Esta pregação é de 22 de fevereiro de 1803.

[2] Diário pessoal, p. 162; anotação de 10.03.1810.

[3] Pregações à juventude n. 16: o jejum quaresmal, MS 748-754; PVC, p. 266-270.

CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

MARÇO 2015 – N° 295

Com o Tempo da Quaresma, continuamos publicando trechos da Gramática de São Gaspar referentes à temática.

51. Condições Indispensáveis para Seguir a Cristo

"Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz, e siga-me" (Mt 16,24).

"Renuncie a si mesmo". Este é o espírito da penitência. Efeito deste espírito é a mudança do cristão por inteiro: exteriormente, renunciando a seus pertences; interiormente, renunciando a si mesmo. Renuncia a seus pertences quem deles se afasta: esta é a atitude menos difícil.

Renuncia a si mesmo quem deixa de viver segundo a antiga vida carnal de Adão para viver segundo a nova vida espiritual da graça: este é o aspecto mais exigente. Tudo isso se realiza quando a pessoa, por espírito de penitência, é levada a deixar de lado o que antes amava e a amar o que antes punha à parte.

O bom penitente e aquele que renuncia autenticamente a si mesmo são, por exemplo, os que antes eram intemperantes e depois se tornaram muito mortificados; antes se entregavam a impurezas, depois se tornaram castos; antes eram avarentos, depois se tornaram profundamente generosos.

"Tome a sua cruz". O verdadeiro seguidor de Cristo a toma nos ombros não por imposição, como o Cireneu, mas por escolha plenamente livre e com total espontaneidade. Não a arrasta só por obrigação ou imposição, mas resignadamente, talvez com lamentações e queixas, porém, louvando a Deus e com alegria interior, alimentando em si mesmo o amor de poder sofrer por Cristo.

"E siga-me" é o espírito de amor no seguimento de Cristo. Cada um pode, de acordo com a própria capacidade, atingir esse objetivo; ou ao menos planejá-lo e

visualizá-lo para lá chegar progressivamente, conforme o desígnio divino. Estes critérios constituem o início, o crescimento e a meta da santidade[1].

52. As Três Cruzes

Ninguém passa por esta vida sem cruzes. A escolha se faz diante de três cruzes: a primeira é a de Cristo; a segunda, a do bom ladrão; e a terceira, a do mau ladrão. A primeira leva à glória e pertence aos inocentes, que, assim, se assemelham bastante a Cristo. A segunda proporciona consolação e pertence aos penitentes, que, por meio da paciência, não perdem nem a resignação, nem a paz.

Quem não toma sobre si uma dessas duas carregará certamente a terceira, a do mau ladrão. Sofrerá muito mais e sem merecimentos. Ou pior: essa cruz lhe servirá de escorregador para descer às profundezas do inferno[2].

Aqui na terra, toda penitência é breve, passageira e eficaz. No inferno, porém, é longuíssima, duradoura e inútil. Quem não quiser penitenciar-se nesta vida arrepender-se-á inutilmente na outra[3].

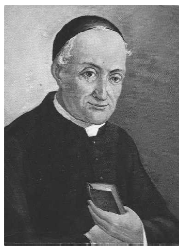
A alma justa, uma vez obtida a glória, agradecerá imensamente a penitência praticada na terra. Em troca de pouco sofrimento alcançará felicidade sem fim na outra vida! Contrariamente, a alma condenada amaldiçoará seus prazeres, os falsos amigos e os pecados cometidos. “Insensatos..., ficamos enredados nos caminhos da iniqüidade e da perdição... e ignoramos o caminho do Senhor” (Sb 5, 4-7).

Teremos um dentre dois destinos. Insensato é quem conhece tais possibilidades pela fé, mas não se preocupa em escolher bem, enquanto está com vida.

Na eternidade o arrependimento só vai aumentar-lhe o desespero[4].

---

[1] Panegírico de São Francisco, MS 1845-1846; 1856; 1865.
[2] Diário pessoal, p. 135, anotação de 18.03.1809.91
[3] Diário pessoal, p. 133, anotação de 15.03.1809.
[4] Exercícios espirituais de 1806, MS 3981-3982. Trata-se de um curso de Exercícios dado por Pe. Gaspar nos últimos dias de carnaval, de quarta-feira, 12, a terça-feira, 18de fevereiro, destinados “aos irmãos no sacerdócio e aos filhinhos da Congregação Mariana de S. Paulo em Verona” (Bertoni, 2, p. 461ss.).



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

ABRIL 2015 – N° 296

Com o Páscoa chegando, publicamos trechos da Gramática de São Gaspar para o Tempo Pascal.

97 Da Morte à Vida

Completados, nos dias anteriores, os eventos da Paixão, que realizaram nossa redenção, celebramos hoje a Páscoa. Estamos alegres porque também ressuscitamos com Cristo, caminhando na vida nova e desejando, como os discípulos, ver Jesus na Galiléia.

Do temor e da contrição, passamos agora, com firmeza, à confiança na divina misericórdia. Da alegria do século e consolação do mundo estamos nos elevando – pela compunção e recolhimento, conforme Deus deseja – a uma santa e devota exultação e a um vibrante júbilo espiritual no Espírito Santo. Por isso, não nos causa tristeza a lembrança das culpas passadas. Pelo contrário, muito mais nos alegra e anima o desejo dos prêmios eternos. Felizes somos nós, portanto, que vivemos hoje a experiência da alegria.

Vamos procurar, então, dar continuidade à nossa caminhada para o céu. Atinjamos a meta feliz cujo rumo tomamos, sem retroceder um passo sequer nem mesmo volver o olhar para esta mísera terra, da qual temos que nos desapegar.

"Se ressuscitastes com Cristo [proclama solenemente S. Paulo], buscai as coisas do alto, onde Cristo está entronizado à direita de Deus; cuidai das coisas do alto, não do que é da terra. Pois morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Cl 3,1-3)[1].

[1] Pregações à juventude, n. 38: a vida espiritual, MS 1297-1300; PVC, p. 289s.

98 Contemplação de Cristo Ressuscitado

Imaginemos vê-lo como apareceu aos discípulos: muito glorioso e luminoso, com as cicatrizes das chagas, enquanto nos chama para o céu, para onde se dispõe a retornar. Peçamos a graça de participar da alegria imensa do Salvador.

A vida gloriosa, assumida por Cristo em sua ressurreição, foi realmente uma vida nova. Se realmente desejamos a ressurreição verdadeira e perfeita, é preciso que nos transformemos de acordo com esta vida nova e realizemos mudança e reforma do interior para o exterior: "como Cristo foi ressuscitado dos mortos pela ação gloriosa do Pai, assim também nós vivamos uma vida nova" (Rm 6,4).

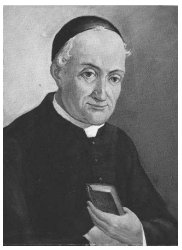
Convém copiar de Cristo ressuscitado, não mais sensível às coisas que passam, a completa insensibilidade a todos os condicionamentos da vida humana, além da inalterável tranqüilidade de espírito e profunda paz do coração.

A deslumbrante luminosidade, que reveste a nova vida de Cristo, deve injetar em nosso intelecto a sabedoria cristã que o eleva ao ápice de toda a criação e o faz perceber Deus em si. Daí provém, mediante a oração, um claríssimo e sólido conhecimento de tudo o que diz respeito à nossa salvação e perfeição.

Como o dom da agilidade levava, imediatamente, o Ressuscitado de um lugar para outro, assim também deve ser nossa prontidão e nosso ardor nas ações para fazer o bem e agradar a Deus.

Como o dom da sutileza tornou espiritual o corpo do Ressuscitado e o faz penetrar em qualquer lugar, assim também deve ser nossa vida, segundo o espírito: vida de fé convicta e independente das influências139 dos bens terrestres. Ela deve ser o resultado da morte infligida pelo espírito a tudo o que é material[2]. Exercícios e Meditações, MS 2637-2640. Para esse trecho adotamos a adaptação já feita por Pe. José Stofella na edição dos Exercícios e Meditações em CS I, p. 230-232.

[2] Exercícios e Meditações, MS 2637-2640. Para esse trecho adotamos a adaptação já feita por Pe. José Stofella na edição dos Exercícios e Meditações em CS I, p. 230-232.



CARTA DO MÊS

Estigmatinidade

MAIO 2015 – N° 297

Com o Tempo Pascal, continuamos publicamos trechos da Gramática de São Gaspar sobre o tema.

A EUCARISTIA, PÁSCOA PERENE

104 O Sacrifício da Nova Aliança

"Em todo lugar se oferece a meu nome um sacrifício puro, um incenso puro" (Ml 1,11). É o sacrifício totalmente puro e santo oferecido, em todo lugar da terra, por todos os povos. Sabemos, pela fé, que essa oblação pura e santa é o sacrifício do corpo e do sangue de Cristo na Eucaristia. Não há nada, em todo o mundo, que engrandeça tanto o nome de Deus e celebre a sua glória como o sacrifício eucarístico, no qual o próprio Cristo se oferece como vítima a Deus Pai pelas mãos de seus sacerdotes.

Primeiramente, a Eucaristia é chamada "incenso", porque é o sacramento do Corpo e do Sangue de Cristo, consumado no fogo da caridade sobre o altar da cruz. Ele, por meio de agradabilíssimo perfume, aplacou a ira de Deus e o reconciliou com os homens. A Eucaristia não somente representa, mas contém realmente Cristo imolado por nós, consumado na dor e no amor em sacrifício a Deus.

Incensos são também, simbolicamente, as orações fervorosas e as aspirações tanto dos sacerdotes que consagram a Eucaristia como dos fiéis que a recebem e dela se nutrem. Os anjos oferecem a Deus "taças de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos" (Ap 5, 8). Portanto, saiamos da mesa eucarística como leões emanando fogo, capazes de incutir terror aos demônios, com o coração e a mente transbordantes do amor com o qual Cristo, nosso Cabeça, nos inflamou.

O corpo de Cristo é uma oblação totalmente pura e santa que não pode ser manchada por nenhuma indignidade ou malícia, nem pelo sacerdote, nem pelos fiéis. De fato, a Eucaristia mantém sempre intacta sua pureza, sua força sacramental e

purificadora, mesmo quando o celebrante não é pessoa digna[1]. Ela tem, em si mesma, a capacidade de purificar do pecado, de concupiscências, tentações e paixões. Além disso, é capaz até mesmo de remover ocasiões de pecado ou comunicar vigor suficiente para superá-las[2].

105 O Banquete Sagrado

"Vinde comer" (Pr 9,5), assim nos convida o Senhor. Eis a mesa que apresento a vós, peregrinos e exilados aqui na terra. Eu vos preparo o mesmo alimento do qual se nutrem os anjos e os bem-aventurados no céu. "Tomai, comei, isto é o meu corpo; bebei dele todos, pois este é o meu sangue" (Mt 26,26s). Com eles, resgatei-vos de vossos pecados e da escravidão de vossos inimigos.

Contemplai os sofrimentos e a morte que me custaram para vos preparar esta mesa. O melhor modo de expressar vossa gratidão é o de corresponder ao meu desejo, aproximando-vos habitualmente dela. A quem ireis para receber vida, se não vierdes a mim, que sou o único que a pode dar? Quem vos poderá dar paz de espírito ou saciar os desejos do coração, senão eu, que sou vosso princípio e último fim? Eu sou Pai, Mestre, Amigo, Irmão.

Se vós estais enfermos, sou também vosso Médico e vossa Saúde. E, um dia, vossa Bem Aventurança e Glória.

Se eu me sentasse aqui num trono, com todo o esplendor de minha majestade, iria compreender vossa timidez. Mas, se estou escondido no Sacramento e totalmente familiarizado com os homens, por que não vos aproximais, com toda confiança, sabendo que a minha delícia é a de estar convosco?

Quem de nós não gostaria de ouvir tais palavras amorosas e acolher tão agradável convite no mais profundo do coração? Bem Aventurados os que ouvem a palavra divina. Duplamente bem-aventurados se a guardarem para observá-la[3].

---

[1] Cf. Concílio de Trento, Sess. XXII, c. 1: Denz. 1742.
[2] Exercícios e Instruções, MS 3438-3443.
[3] Pregações à juventude, n. 17: a comunhão freqüente, MS 770-772; PVC, p. 110s.